



UNICAMP

P24.66

EVENTO: Companhia Canadense "Vertigo Danse"

VEÍCULO: O ESTADO DE SÃO PAULO

DATA: 20 maio 96

PÁGINA: D-9

SEÇÃO: CADERNO 2



CDMC
BrasilUnicamp

DANÇA

O Vertigo apresenta a coreografia do fim do mundo no Brasil



O Vertigo Danse, considerada a principal responsável pela renovação dessa arte no Canadá: criação de uma linguagem própria devolve à dança a profundidade e a complexidade emocional do teatro

Pela primeira vez na América Latina, a companhia canadense vai mostrar, em quatro capitais do País, 'Deluge', que aborda de forma positiva as crenças, os mitos e as lendas deste final de século

GABRIEL BASTOS JUNIOR

Para muitos críticos de dança, principalmente europeus, Ginette Laurin é genial. A coreógrafa e diretora artística da O Vertigo Danse é a principal responsável pela renovação da dança no Canadá, criando uma linguagem própria que devolve à dança a profundidade e a complexidade emocional do teatro, sem, no entanto, recorrer a um fio condutor dramático. "É pura dança", defende Ginette, em entrevista por telefone de Montreal, onde vive e trabalha. O Vertigo encerra, entre o final de julho e início de agosto, o projeto Antares Dança, com apresentações em Salvador, Rio, São Paulo e Porto Alegre.

Ginette formou a companhia em 1984 e de lá para cá vem recebendo elogios sucessivos. Tem uma carreira sólida no Canadá e um contínuo intercâmbio com a Europa, se assemelhando mais à escola francesa do que à norte-americana, embora a diretora faça questão de frisar que seu trabalho é único, particular. "Não estou dizendo que não tenhamos influências, mas somos diferentes", defende.

O nome O Vertigo tem motivos pessoais. Vertigo, em francês, é uma doença nervosa que ataca cavalos e faz com que eles fiquem girando enlouquecidos. "Minha mãe sempre me dizia que eu estava com vertigo quando era pequena", conta a coreógrafa. O "o" serve para diferenciar do filme de Hitchcock (*Um Corpo que Cai* em português) e de tantas outras coisas que levam o título de "vertigem" em inglês. "Mas, como trabalho muito com a noção de equilíbrio, acho que nossas coreografias vão muito bem com o nome."

A companhia estará em São Paulo nos dias 7 e 8 de agosto, no Teatro Municipal. É a primeira vez que se apresenta na América do Sul — depois de várias tentativas frustradas — e vai mostrar a coreografia *Deluge* (dilúvio), que vem encantando plateias na Europa e Canadá desde 1994. É uma peça longa, que ocupa todo o programa da noite, com cerca de uma hora de duração. O tema, como o título sugere, é o fim do mundo.

Estado — Uma peça longa como essa não é comum, pelo menos para o público brasileiro. Você acredita que isso possa ser um problema?

Ginette Laurin — Acho que não, porque ela mostra muitas imagens

diferentes. Na verdade, ela pode ser vista como uma colagem de 13 peças curtas sobre o mesmo tema. As pessoas nunca falam sobre a duração, até porque programas de uma peça são comuns no Canadá e na Europa.

Estado — O tema comum é o fim do mundo, mas visto de uma forma positiva...

Ginette — Tento mostrar o fim como o começo de algo novo. Na minha visão, o fim é como um renascimento. A peça mostra uma forma meditativa de se terminar. É uma peça de certa forma tranquila, até alegre. Não trato o fim como algo apocalíptico e, nesse sentido, ela é muito bonita.

Estado — Essa noção de renascimento tem um fundo espiritual ou é apenas a concepção do ciclo natural das coisas?

Ginette — Quando comecei a criar a coreografia, pensava em me concentrar no ciclo do tempo. Depois, ela foi se tornando mais psicológica e espiritual conforme comecei a usar como referência os mitos e as lendas sobre o fim do mundo. Todos eles são muito ligados à religiosidade. Mas a

peça tem universalidade, porque procurei alcançar o que é importante, algo que é uma preocupação para todos. Também quis ter uma visão do passado, abordando as crenças do final do século passado e início deste, aproveitando que estamos próximos a uma mudança de século. O que fazemos é estabelecer uma ligação entre várias culturas e a forma com que encaravam o fim do mundo, que muitos acreditavam que chegaria com o fim do século — como hoje.

Estado — Mas muitas dessas crenças têm uma visão apocalíptica do fim do mundo. Você pesquisou outras abordagens ou deu um ar positivo a esse tipo de visão?

Ginette — Há as duas tendências. Tive a preocupação de responder a dois tipos de comportamento, digamos assim. Dividi o elenco em dois grupos ligados ao yin-yang. A parte yin tem um certo abandono, simplesmente se deixa levar pelo destino. Pode-se dizer que é uma posição mais feminina. A parte yang tem uma característica mais combatente, guerreira. No que diz respeito aos movimentos, concentrei a atenção nos braços para o yin e nos quadris



A companhia: semelhança com escola francesa conquista público

para yang. E, durante o processo de pesquisa, uma parte não sabia o que ocorria com a outra. Só se encontraram um mês antes da estréia. Assim, acho que consegui alcançar as duas partes do equilíbrio na vida, que diz respeito a tudo, não apenas à dança.

Estado — A peça, principalmente a música, tem uma forte inspiração medieval, quando o mundo ocidental era extremamente apocalíptico...

Ginette — Mas hoje estamos passando por uma época semelhante à Idade Média. É preciso ser muito forte espiritualmente para encarar esse fim de século. Não estava tão preocupada em tratar do fim do mundo, mas em como lidar com a idéia. O cristianismo faz as pessoas temerem a morte. Prefiro ver o fim como uma mudança. Há trechos negativos em *Deluge*, como quando tratamos da criação da bomba atômica. É uma passagem escura, forte, mas ainda assim muito quieta. Você não pode ser tão negativo.

Estado — Esse tipo de preocupa-

ção com o que está sendo dito se tornou rara na dança durante um certo período, em detrimento de se explorar os limites do corpo...

Ginette — Para mim, o significado é muito importante. Estudei ginástica olímpica quando era jovem, então também tenho a curiosidade de entender como funciona essa máquina que é o corpo. Mas é importante dizer alguma coisa. As emoções são como partes do corpo.

Estado — A dança seria então um instrumento da mensagem?

Ginette — É o instrumento perfeito, porque é menos intelectual do que palavras. O corpo pode ser muito poderoso no sentido de que qualquer pessoa compreende nosso espetáculo, tira alguma coisa dele, mesmo quem não tem uma formação mais sólida sobre dança. De fato, a dança estava perdendo essa preocupação. Tenho muito respeito pela dança formal norte-americana e as mudanças que foram estabelecidas nos anos 70 e 80, principalmente pela importância que teve para os dan-



Bailarina do Vertigo: divisão do elenco para retratar yin-yang

çarinos, expandindo suas possibilidades. Mas ela não encaixa na minha visão de dança.

Estado — Ela se aproxima mais do teatro...

Ginette — Sim, mas é pura dança. Não tenho medo de usar outros elementos, como a voz. Mas, quando estou coreografando, não penso de uma forma dramática, com continuidade narrativa. Por isso é dança.

Estado — Embora esteja no Canadá, seu trabalho é mais ligado à escola européia, principalmente à dança moderna francesa, do que à escola norte-americana. Alguma relação com o background francês de Quebec?

Ginette — Provavelmente, sim, porque os canadenses ingleses não trabalham como nós. Mas somos muito particulares, porque não nos sentimos atraídos pelos Estados Unidos e a Europa fica muito longe. Além disso, não há uma tradição de dança moderna no Canadá, então ficamos bem livres para criar uma lin-

guagem própria.

Estado — Você acha que há um equilíbrio entre as duas fontes?

Ginette — Não vejo muita afinidade com a dança americana. Os europeus nos entendem melhor. Embora os EUA estejam aqui ao lado, raramente nos apresentamos lá.

Estado — Vários críticos apontam uma forte influência da literatura em seu trabalho. Você acredita que sua dança seja poética?

Ginette — Se fosse comparar meu trabalho com a literatura, sem dúvida estaria mais próximo de um poema — ou um livro de poemas — do que de um romance. Mas tiro minha inspiração de fontes variadas, principalmente escritores e pintores. O aspecto visual é muito importante para um espetáculo de dança, então tento aprender muito e trabalhar com artistas visuais. Para *Deluge*, contei com a colaboração de Jana Sterback e Javier Perez, artistas que desenvolveram alguns acessórios e figurinos especiais para o espetáculo.